

PESSOA, FERNANDO, Augusto Nogueira

(Lisboa, 1888 – 1935)

O maior poeta português do século XX, e um dos maiores de todos os tempos, de si próprio dizia ser «essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja – dramaturgo», já que «nem pensou nunca, nem sentiu, senão dramaticamente». E, de facto, o fascínio da expressão dramática – excessivo seria dizer do teatro – acompanhou-o ao longo de toda a sua vida literária, se bem que apenas nos deixasse completa uma obra deste género: o drama estático num acto *O Marinheiro*,* escrito em 1913 e publicado em 1915 no primeiro número de «Orpheu», que ele considerava «a coisa mais remota que existe na literatura», acrescentando, com evidente auto-ironia, que «a melhor nebulosidade e subtileza de Maeterlinck é grosseira e carnal em comparação». Mas esta seria ainda uma forma de reconhecer os nexos que prendiam esse drama à estética simbolista, de que afirmou «rejeitar a exclusiva preocupação do vago, a exclusiva atitude lírica, e, sobretudo, a subordinação da inteligência à emoção» e «aceitar a preocupação musical, a sensibilidade analítica, a sua análise profunda dos estados de alma, (que) procura intelectualizar». *O Marinheiro*, aliás, inscrevia-se num projecto que designava por «Teatro de Êxtase» e de que restam fragmentos de outros dramas: uma *Salomé*, uma *Mereia*, *A Morte do Príncipe* e *Diálogos no Jardim do Palácio*. Outros fragmentos dramáticos existem no seu espólio literário: três peças de inspiração shakespeariana, escritas em inglês (*Marino*, *The Multiple Gentleman*, *The Duke of Parma*), uma peça de enredo policial redigida no mesmo idioma, uma sátira política com canções intercaladas (*Circo Internacional Schildroth*), um *Auto da Morte*, cinco textos sobre figuras e assuntos nacionais (*Portugal*, *O Encoberto*, *Catástrofe*, uma *Inês de Castro* e uma *Leonor Teles*), duas peças sobre o tema da difícil comunicação entre os seres (*Intervenção Cirúrgica* e *Amor*), uma sequência de obras inspiradas nos grandes mitos clássicos – e um *Fausto* em que trabalhou continuamente desde 1908, que se dividiria em três partes mas de que apenas se conhecem fragmentos dispersos da primeira, na qual se propunha dar expressão dramática à «luta entre a Inteligência e a Vida», culminando com a vitória desta sobre aquela.

Luiz Francisco Rebello (1984). *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, p. 110.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.